

A luta da mulher na literatura firminiana

The Struggle for Women in firminia Literature

Paulo Bogéa

UNEMAT

paulo.bogea@outlook.com.br

ORCID: 0000-0003-4741-2750

Algemira de Macêdo Mendes

UESPI / UEMA

algemiramendes95@gmail.com

ORCID: 0009-0009-0455-1508

Palavras-Chave: *Úrsula*, Mulher, Luta, Resistência.

Keywords: *Úrsula*, Woman, Struggle, Resistance.

Mulheres no Brasil Colonial

“Uma história ‘sem as mulheres’ parece impossível.”
Michele Perrot

O Brasil Colonial sofreu profundas alterações sociais e políticas, marcadas pela luta por identidade e autonomia, especialmente para as mulheres, onde desempenhavam funções sociais específicas e viviam sob rígidas normas impostas pelos colonizadores. Essas mulheres eram submetidas ao pátrio poder, ou seja, o poder do pai, o dono do patrimônio, da fazenda, da casa, das mulheres e dos escravos. Pertencente a ideia patrilinear, onde apenas o homem tem poder na sociedade e “as mulheres cabem a organização do lar e a educação dos filhos” (Del Priore, 2020, p. 13).

O sistema patriarcal impôs severas limitações aos papéis femininos, que conforme Mary Del Priore (2020, p. 13) “exploram, desrespeitam e maltratam mulheres”, limitando a participação das mulheres na vida pública e na criação de suas próprias identidades. Nesse contexto, identificam-se três arquétipos de mulheres no Brasil Colonial: as brancas, que chegaram com os europeus; as indígenas, já presentes na terra invadida; e, posteriormente, as negras, inseridas no processo de escravização.

Segundo Julia Bossegio (2015) e Lisa da Silva (2015), as mulheres brancas eram consideradas as figuras de destaque na sociedade colonial, enquanto as indígenas desempenharam um papel fundamental na primeira miscigenação no Brasil, uma vez que a cultura indígena normalizava a poligamia. Por sua vez, as mulheres negras, eram empregadas como amas de leite e responsáveis pelos cuidados domésticos e serviços variados, frequentemente submetidas a violência sexual.

Observa-se que todas as mulheres, independentemente de sua origem étnica, estavam submetidas ao poder patriarcal. As mulheres negras e indígenas, em particular, enfrentaram severas consequências devido à abordagem banalizada dos europeus pelas múltiplas relações sexuais, motivadas predominantemente pelo prazer. Esse comportamento não apenas expunha a condições de exploração e violência, mas também contribuía para o silenciamento de suas realidades e sofrimentos. De igual modo, as mulheres brancas também sofreram, pois eram compelidas a aceitar essa prática em silêncio, obrigadas a se assemelharem a figura cristã da mãe de Jesus: casta, submissa e obediente ao poder masculino.

Ademais, as mulheres negras e indígenas, muitas vezes eram vistas como “devassas” por serem tratadas “como prostitutas no imaginário dos nossos colonos” (Del Priore, 2020, p. 50), sendo estigmatizadas e desprezadas pelas mulheres brancas. Esse cenário, foi uma das formas que resultou em um duplo processo de exclusão das mulheres negras e indígenas, baseado tanto no gênero quanto na raça, aprofundando a marginalização dessas mulheres na hierarquia social colonial. Ou seja, as mulheres brancas se consideravam melhores que as negras e indígenas.

Mas, foram as negras no período colonial

responsáveis pela integração dos costumes da senzala com os costumes europeus, vindo com os estrangeiros que no Brasil se instalavam. Deve-se a elas a criação e até mesmo a educação de muitos herdeiros de grandes senhores, bem como os ensinamentos de aspectos da cultura africana e do vocabulário que, ao se misturarem com os costumes e hábitos portugueses, originaram uma cultura nova e híbrida: a brasileira (Bossegio & Silva, 2015, p. 23).

Dessarte, é possível inferir a relevância das mulheres negras na formação cultural do Brasil. De fato, mesmo diante do processo sistemático de apagamento de suas identidades, elas desempenharam um papel crucial na educação e na formação dos cidadãos. Em virtude da sua contribuição “com idiomas, tradições e saberes [...]. Sua presença se vê na organização da família, na música, na religião, na comida e na língua” (Del Priore, 2020, p. 19). Pois, souberam manter seus conhecimentos ancestrais e fundir com outros saberes, dando vida a um conhecimento híbrido, miscigenado e mais forte.

Embora o corpus sobre este tema seja extenso, acreditamos que essa análise preliminar da condição feminina no Brasil Colonial proporciona uma base sólida para a análise de *Úrsula*, publicada no século XIX. Uma vez que, focaremos em dois arquétipos de mulheres aqui apresentados: mulher branca e mulher negra. Dado que a obra oferece uma perspectiva inovadora e crítica sobre a situação feminina na sociedade colonial, abordando questões intimamente ligadas às preocupações feministas contemporâneas.

Firmina dos Reis desafia os papéis tradicionais impostos às mulheres através de suas personagens. Em geral, as personagens fogem dos padrões estabelecidos para a época, proporcionando ao leitor uma visão mais aprofundada das condições vividas pelas mulheres no Brasil Colonial ao abordar questões de identidade, autonomia e resistência. A personagem principal, Úrsula, e outras mulheres, como Luísa B., mãe de Tancredo, mãe de Túlio, Preta Susana e Adelaide, são apresentadas com complexidade e profundidade, demonstrando uma variedade de experiências e resistências que escapam aos papéis tradicionais de filha, esposa e mãe. Essas personagens são retratadas como agentes de sua própria história, desafiando as normas patriarcas e buscando a autonomia em um contexto de opressão. A análise da obra revela que Firmina dos Reis não apenas retrata a condição feminina de forma realista, como também apresenta uma crítica ao sistema patriarcal vigente à época.

Mulheres em *Úrsula*: da opressão a libertação

A vida e a obra de Maria Firmina dos Reis representam um exemplo crucial de resistência contra o poder concentrado nas mãos de homens brancos, heterossexuais e cristãos. Considerando o contexto da época, Firmina era uma figura marginalizada, tanto por ser filha ilegítima de uma escrava alforriada e de um homem que negava sua paternidade quanto por ser mulher, negra e pobre. Esses quatro atravessamentos interseccionais: moralidade, gênero, raça e classe, representam questões ainda problemáticas na sociedade contemporânea.

Na obra *Úrsula*, a construção dos personagens é predominantemente feminina, refletindo diversos aspectos da identidade feminina no século XIX. Firmina, ao inserir essas personagens no contexto do romantismo brasileiro, trouxe uma inovação significativa ao explorar as vivências distintas entre mulheres brancas e mulheres negras. Assim, a autora inicia um debate fundamental sobre as interseções entre raça, classe e gênero, ampliando a discussão sobre as complexas dinâmicas sociais e identitárias da época. Conjeturando um protagonismo libertador dessas mulheres na narrativa.

Úrsula marca o início da escrita feminina negra no romantismo brasileiro, revelando tanto as relações de poder implícitas quanto explícitas na construção de suas personagens. O romance aborda a desigualdade no tratamento das mulheres ao destacar as diferenças no tratamento entre mulheres brancas e negras. A diegese de *Úrsula* centra-se na desilusão amorosa da protagonista homônima, mas também explora as experiências de outras mulheres, como Preta Susana (ou Mãe Susana), Luísa B., mãe de Túlio, mãe de Tancredo e Adelaide. Algumas dessas personagens recebem um desenvolvimento narrativo mais aprofundado, permitindo uma análise mais detalhada de suas vivências dentro das dinâmicas de poder que as afetam.

Primeira Parte

Úrsula é uma mulher branca, solteira e pertencente a uma família abastada, descrita como doce, bela e dotada de grande compaixão. Sem a presença do

pai, ela compartilha sua solidão com a mãe doente, Luísa B. Após se apaixonar intensamente, Úrsula vive na esperança de que seu amado, Tancredo, um homem branco e da mesma classe social de Úrsula, recupere-se de sua enfermidade. No entanto, a realização desse amor é obstruída pelo fato de seu tio, Comendador Fernando P., considerá-la como propriedade. Motivado pela concepção patrilinear ao ver ausência de uma figura masculina na família, ele, sendo irmão de sua mãe, se ver na autoridade de mandar em Luísa B. e Úrsula.

Embora, Úrsula desfrute de privilégios associados à sua classe social, a sua condição de mulher a submete a uma vulnerabilidade específica frente ao poder patriarcal, manifestado de forma explícita por seu tio.

Na solidão o homem tinha ido perturbar-lhe a virginal pureza do coração para dar-lhe uma nova existência – o amor; e depois ainda o homem, invejoso dessa momentânea e fugaz felicidade, veio roubar-lhe a tranquilidade de espírito, e envenenar-lhe a suave esperança de uma vida risonha e venturosa, espremendo-lhe no coração a primeira gota de fel do cálix que ela devia liberar até às fezes (Reis, 2018, p. 196).

No fragmento acima, salienta o poder opressivo do homem que silencia Úrsula, desencorajando qualquer ação que ela pudesse empreender. De acordo com Del Priore (2020), essa dinâmica reflete a introdução, pelos primeiros colonizadores, da desconfiança em relação às mulheres e da ideia de que elas deveriam submeter-se à autoridade masculina. Essa estrutura opressiva analisa como tais práticas perpetuam normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas dentro da categoria de gênero. Ou seja, são pessoas que seguem relações de coerência e continuidade de relações já definidas pela sociedade assegurados por conceitos estabilizadores como homem – mulher, poder – subserviência, mandar – obedecer, ativo – passivo.

No entanto, o patriarcado, com seus pressupostos pela continuidade de gênero, não conseguiu obliterar o desejo de Úrsula de conquistar a realização de seu amor e a autonomia pessoal. Ela enfrenta a figura patriarcal do romance, o Comendador Fernando P., ao afirmar:

– Sim, tínheis razão quando dissetes que eu vos odiava. Sois obstinado em incomodar-me; sabeis que é insuportável a vossa presença. [...] – Abusaste de minha fraqueza. Estou só, o lugar é ermo, tudo vos protege, e vos anima. Se fôsseis mais cavalheiro, seríeis comedido em expressões, que sempre foram tidas por ofensivas quando ditas por estranhos, e nunca chegaríeis a uma impertinência tão desagradável (Reis, 2018, pp. 191-193).

Ela enfrenta e contesta as normas rigidamente estabelecidas para as mulheres de sua época, ao falar da presença desprezível de seu tio. Sua trajetória revela um esforço consciente para subverter as expectativas impostas pela sociedade patriarcal, o que se alinha com as ideias de Lélia González (2020) sobre a resistência das mulheres latino-americanas contra o poder masculino. Por argumentar que as mulheres brasileiras ao reconhecer sua própria história e identidade, iniciam um movimento de resistência que busca a afirmação de sua voz e autonomia.

O processo de libertação de Úrsula é um reflexo da luta das mulheres para transcender as limitações impostas pela estrutura patriarcal da sociedade colonial. González (2020) destaca que a emancipação das mulheres latino-americanas

envolve um processo de reapropriação de sua identidade e uma afirmação de sua presença no cenário social e político. Assim, no momento que ela escolhe não se submeter ao controle do Fernando P., há uma manifestação concreta desse movimento, onde sua resistência e busca por autonomia se inserem na tradição de mulheres que, apesar da opressão, persistem em redefinir seu papel e afirmar sua dignidade.

Não diferente da filha, Luiza B., mulher branca, viúva e rica, passa a vida subjugada aos homens de sua família. Em sua história, fica claro a possessividade de seu irmão, Comendador Fernando P., que, ao ser contrariado em relação a seus desejos sobre o futuro esposo, procura prejudicá-la.

Uma vez casada, ela sofre pelas atitudes do marido, Paulo B., que sobre ela tem poder, dando “continuidade” à ideia de subserviência da mulher ao homem. Ela é descrita, inicialmente, por Túlio como “[...] a pobre senhora Luiza B. [...] Essa infeliz paralítica [...]” (Reis, 2018, p. 105), sendo vista como uma mulher que enfrentou sofrimentos e que tem limitações impostas por uma deficiência física. Ao longo da narrativa, as aparições dessa personagem são associadas com palavras como “pobre” e “infeliz”, assim como à ideia de sofrimento.

[...] uma pobre paralítica [...] em seu rosto estavam estampados os sofrimentos profundos, pungentes e inexpressíveis da sua alma. E os lábios lívidos e trêmulos, e a fronte pálida e descarnada, e os olhos negros alquebrados diziam bem quanta dor, quanto sofrimento lhe retalhava o peito (Reis, 2018, pp. 163-164).

A personagem é apresentada como uma mulher que se encontra à margem da dignidade social devido à sua enfermidade. Sua condição de cadeirante resulta em um duplo processo de exclusão, envolvendo tanto questões de gênero como de sua limitação física, o que a leva ao esquecimento. Além disso, a ausência de uma figura de autoridade masculina, após a morte de seu marido, intensifica ainda mais sua vulnerabilidade no seu contexto social. Desse modo, ela encarna a figura da mulher submissa, reiterando a noção de gêneros «inteligíveis», ou seja, a dinâmica de poder e subserviência. Isso destaca a resignação forçada e a falta de agência que definem sua existência dentro da estrutura patriarcal e colonial, refletindo o impacto opressivo do sistema colonial sobre as mulheres de sua época.

Todavia, Luísa B. passa por um processo de libertação que reflete um desafio às normas opressivas da sociedade colonial, por manifestar uma forma de resistência e autonomia ao afirmar sua identidade e reivindicar um papel ativo em sua própria vida. Pois ao criar uma filha e gerir seus pertences sozinha “subvertiam o mito da mulher imponente e frágil ao qual estamos acostumados” (Del Priore, 2020, p. 24), desafiando o pátrio poder. Que dialoga com González (2020), ao enfatizar a construção da identidade e a busca por emancipação.

A trajetória de Luísa B. pode ser compreendida sob a perspectiva de hooks (2019), que considera a autoafirmação e a resistência contra sistemas de opressão, dado que a libertação feminina implica a desconstrução das normas que definem e limitam o papel das mulheres na sociedade. Logo, Luísa B., ao desafiar as expectativas impostas e buscar afirmar seu próprio espaço e voz, exemplifica sua força. Seu processo de libertação é um testemunho da luta contra as limita-

ções impostas pelo patriarcado e pela estrutura colonial, ilustrando a capacidade das mulheres de transcender as barreiras sociais ao afirmar sua própria agência.

A vida da mãe de Tancredo (não nomeada), mulher branca, casada e de família de classe média-alta se assimila muito com a vida das personagens já mencionadas. Tancredo a descreve como “[...] uma angélica mulher [...]” (Reis, 2018, p. 159). Não há muitas características a serem destacadas nessa personagem porque ela parece pouquíssimas vezes na história. Contudo, o que se perceber é a continuidade da relação homem – mulher / poder – subserviência.

Selecionamos, nessa primeira parte, essas três primeiras personagens do romance *Úrsula*, para entendermos quais são as características que transpassam essas mulheres e o que as tornam comum. Dessa forma, entre todas elas, há perpetuação do poder masculino na sociedade. A ideia interseccional apresenta que Úrsula, Luiza B. e a mãe de Tancredo, embora mulheres brancas e de classe média-alta, sofrem pela dominação masculina, obrigando-as a ser exemplo da mulher cristã. Uma vez que, “a força particular da sociodiceia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 2012, p. 33).

Pierre Bourdieu (2012) chama a atenção de que essa dominação é o efeito do trabalho de eternização concretizado por instituições conectadas tais como a família, a igreja, a escola, o esporte e o jornalismo. Por isso que as mulheres jamais poderão ser compreendidas segundo o modelo do sujeito nos sistemas representacionais convencionais da cultura ocidental, já que sua representação é apenas uma ilustração social, tornando-as irrepresentável por ter seu papel secundarizado. Por exemplo, as personagens mulheres do romance são restritas ao espaço doméstico, como evidencia Luisa B. ao denunciar seu marido Paulo B.: “[...] cumulou-me de desgosto e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minhas fortunas em favor de suas loucas paixões” (Reis, 2018, p. 168). Aqui é visto mais outro fator que interfere na vida da mulher, a subjugação do seu dinheiro ao poder masculino.

O processo de adestramento pelo qual passaram as mulheres coloniais foi acionado por meio de dois musculosos instrumentos de ação. O primeiro, um discurso sobre padrões ideais de comportamento, importado da Metrópole, teve nos moralistas, pregadores e confessores os seus mais eloquentes porta-vozes. Elementos para esse discurso normatizador já se encontravam impregnados na mentalidade popular portuguesa – e mesmo européia –, cabendo à Igreja metropolitana adaptar valores conhecidos das populações femininas, para um discurso com conteúdo e objetivo específicos [...] outro instrumento utilizado para a domesticação da mulher foi o discurso normativo médico, ou “físico”, sobre o funcionamento do corpo feminino. Esse discurso dava caução ao religioso na medida em que asseverava científicamente que a função da mulher era a procriação (Del Priore, 2009, pp. 23-24).

O colonialismo é estruturado em torno de um paradigma masculino, o que historicamente relegou o papel das mulheres a uma posição secundária dentro desse sistema. As personagens Úrsula, Luísa B. e a mãe de Tancredo ilustram a submissão e a opressão que caracterizam o domínio colonial, sendo subjugadas por figuras masculinas como Paulo B., Comendador Fernando P. e o pai de Tan-

credo. No entanto, ao resistirem e reivindicarem sua autonomia, essas mulheres subvertem as normas patriarcais que as oprimia. Tanto mãe de Tancredo e Luísa B., em particular, encarna a submissão extrema ao patriarcado, sendo uma representação eloquente das limitações impostas às mulheres naquele contexto.

A trajetória de Úrsula ao desafiar e tentar transcender essas estruturas opressivas, revela um processo de busca por liberdade e autonomia. A narrativa do romance avulta que a morte é apresentada como uma forma de libertação, sugerindo que, para essas personagens, a conformidade com as expectativas patriarcais é insuportável. Luísa B. sacrifica sua vida pela filha, enquanto Úrsula enfrenta a morte em nome do amor, mostrando que a escolha de morrer é vista como uma alternativa mais digna de que viver subjugada aos ideais opressivos. Assim, a obra sugere que a morte, neste contexto, é a única forma de liberdade da opressão patriarcal e colonial.

Segunda parte

Mãe Susana (ou Preta Susana) era uma mulher de origem do continente africano, negra, casada, escravizada e pobre, que “[...] trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs” (Reis, 2018, p. 176). Para Túlio, seu filho adotivo, ela é uma mulher “[...] boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz [...]” (Reis, 2018, p. 176). Ela possuía um

[...] aspecto físico marcado pela idade e pelos sofrimentos e privações que a personagem enfrentou ao longo da vida, características que condizem com o tipo de vida a que Susana foi submetida, já que sua função era dedicar-se ao trabalho, além de não ter recursos financeiros para a compra de roupas novas. A vestimenta e a aparência da personagem acompanham, portanto, sua condição de escravizada, pois denotam a aparência de quem sofreu pelo trabalho pesado, apesar de seu gênero, algo que não ocorreria com uma mulher em outra condição social (Porto & Siebel, 2022, p. 55).

Isso mostra que a personagem sofria opressões por ser mulher e negra escravizada, sujeita às conjunturas sociais de privação por ter sido arrancada do seu lar. No decorrer da diegese, fica evidente a comparação entre escravizados e animais devido às condições de alimentação e de tratamento dispensado aos negros que eram levados como objeto no navio. Mãe Susana foi vendida para Paulo B., que presenciou várias atrocidades.

[...] derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que dava a meus irmãos, e tão rigorosos como eles sentiam. E eu também os sofri, como eles e muitas vezes com a mais cruel injustiça (Reis, 2018, p. 182).

Mãe Susana retrata as duras consequências do colonialismo e da opressão racial e social enfrentadas pelos negros. Sua trajetória de vida é um exemplo

prático das consequências duradouras do sistema colonial, que se manifestam na exploração incessante e na marginalização a que está sujeita. Dessa forma, a atitude desta personagem estabelece um diálogo com o livro *Pele Negra e Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon (2008), já que apresenta uma identidade moldada pela experiência colonial. A parti disso, a personagem é entendida como uma representação dessa construção de identidade, que vive sob o peso das estruturas opressivas, visto que, mesmo após sua abolição, permanece sob o julgo escravocrata.

Segundo Fanon (2008), apesar da aparente liberdade, os negros estão frequentemente presos a um sistema que perpetua a discriminação racial e social. Sendo assim, Mãe Susana é um exemplo claro dessa dinâmica, vivendo sob o peso de um passado escravocrata que a faz lembrar constantemente da sua condição inferior. Logo, ela está sendo estigmatizada, porque as ideias racistas do colonialismo a tornaram invisível e subalterna.

Não diferente da ideia de Fanon (2008), a psiquiatra Neusa Souza (2021), em *Tornar-se Negro*, também ilustra como o processo de racialização e a construção da identidade negra são influenciados por contextos históricos e sociais opressivos. Nesse sentido, sob a luz dessas ideias, percebemos que a descrição de Mãe Susana revela como o colonialismo não apenas molda a identidade dos indivíduos, como também os mantém em um estado de subalternidade. Sua experiência ilustra como as estruturas sociais e raciais históricas continuam a limitar as possibilidades de mobilidade e reconhecimento para os negros, sobretudo para a mulher negra. Deste modo, o romance elucida como a opressão racial e de gênero são perpetuadas mediante um ciclo contínuo de marginalização e controle, deixando Mãe Susana em uma posição de constante luta contra as forças que tentam silenciá-la e invisibilizá-la.

A personagem passa por um notável processo de libertação que desafia as normas opressivas da sociedade colonial. Embora sua condição inicial de escrava a coloque em uma posição de subalternidade, ela demonstra uma força extraordinária ao reivindicar sua autonomia e dignidade. Consoante as ideias de González (2020), a trajetória de Mãe Susana revela a luta pela construção de uma identidade própria e a resistência contra a opressão colonial e patriarcal. Sua luta é uma forma de reapropriação e afirmação pessoal em um contexto que marginaliza mulheres negras. A maneira como a personagem confronta as limitações impostas por sua condição, busca afirmar sua voz e posição na sociedade, por refletir a emancipação e a reconstrução de sua identidade, mesmo nos limites impostos pelo sistema colonial.

Ainda, a luta de Mãe Susana faz parte das “lutas de resistência em que mulheres negras confrontam e superam barreiras inacreditáveis em suas jornadas para se autodefinir” (hooks, 2019, p. 107). Dessa forma, quando a personagem desafia as expectativas opressivas e procura conquistar o seu próprio espaço e voz, consegue argumentar que a libertação feminina implica na desconstrução das normas que limitam o papel das mulheres na sociedade para construção de uma identidade autêntica e autônoma. O seu processo de libertação não apenas questiona as estruturas de poder existentes, mas também demonstra a capacidade das mulheres negras de superar as barreiras sociais impostas pelo patriarcado

e pelo colonialismo, “como tentativa de romper com as expectativas impostas sobre a identidade de ser mulher negra” (hooks, 2019, p. 105).

A Mãe de Túlio deve ter passado pelas mesmas situações que Mãe Susana por também ser negra escravizada e pobre. Na fazenda de Santa Cruz, de acordo com Túlio, foi o lugar onde sua mãe “à força de tratos os mais bárbaros, acabou seus míseros dias” (Reis, 2018, p. 223). Essa mulher, que “era escrava, submeteu-se à lei que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada” (Reis, 2018, p. 224), que teve de abandonar seu filho devido ao poder manifestado pelo Comendador Fernando P., mostrando, segundo Del Priore (2020), que o homem branco está em cima, enquanto os subalternos formam as pernas da nossa sociedade por estarem sempre embaixo e seguindo as ideias que o homem branco dita como certas.

Descrita como uma mulher que enfrentou a dureza da vida colonial, sua existência é marcada pela marginalização e pela luta constante contra as estruturas patriarcais. O romance revela que a Mãe de Túlio vive em uma situação de subalternidade, constantemente relegada aos limites da sociedade colonial, que a ver apenas como um suporte para os desejos e necessidades dos homens. Essa descrição confirma como o colonialismo reforça a opressão de gênero, confinando-a a uma posição subordinada e sem voz. Ademais, “é difícil para mulheres negras construírem uma subjetividade radical dentro do patriarcado capitalista branco” (hooks, 2019, p. 105), que a reduz a um objeto de controle masculino. Logo, a diegese destaca que Mãe de Túlio suportou em silêncio as injustiças e limitações impostas por uma sociedade que não lhe oferece espaço para a autonomia ou a dignidade.

Terceira Parte

Para finalizar a análise das personagens femininas de *Úrsula*, falaremos de Adelaide, mulher, noiva/casada e pobre, a única do romance vista como mulher-demônio. No ponto de vista de Tancredo, seu noivo, ela era “[...] uma mulher de extrema beleza [...] Adornava-a um rico vestido de seda cor de pérolas, e no seio nu ondeava-lhe um precioso colar de brilhantes e pérolas, e os cabelos estavam enastrados de joias de não menor valor (Reis, 2018, p. 156). Essa visão é descontínua quando o rapaz descobre que Adelaide havia casado com seu pai após a morte de sua mãe.

A mulher que tinha ante meus olhos era um fantasma terrível, era um demônio de traições, que na mente abrasada de desesperação figurava-se-me sorrindo para mim com insulto escárnio. Parecia horrível, desferida chamas dos olhos, e que me cercava e dava estrepitosas gargalhadas (Reis, 2018, p. 157).

Ao retornar para casa, Tancredo se depara com uma situação jamais imaginada, julgando a atitude de Adelaide, porque seu comportamento violava as regras do patriarcado de que a mulher deve esperar com cautela. Nesse sentido, Tancredo, na narrativa, encarna a figura do machismo, refletindo a mentalidade patriarcal predominante. A frustração surge quando Adelaide, a mulher a ele prometida, torna-se inacessível, uma vez que se casou com seu pai, o que é visto

como uma traição ao romper com a expectativa da lealdade feminina. Mas, em nenhum momento, pensou que já havia prometido sua mão à Úrsula, mas que, antes, já havia prometido à Adelaide. A verdadeira traição, portanto, não está em Adelaide, mas na postura de Tancredo, que, ao romper com o compromisso assumido com Adelaide, revela a hipocrisia do sistema patriarcal, que permite que o homem viva de acordo com suas próprias conveniências, enquanto a mulher deve ser submetida a uma espera indefinida.

Mulher infame! – disse-lhe. – perjura...onde estão os teus votos? É assim que retribuíste a estremecida paixão que te rendi? É com um requinte de vil e vergonhosa traição que compensaste o ardente afeto da minha alma? Compreendeste ou sondaste já o profundo abismo de infame execração, e de baixa degradação, em que te despenhaste? – Silêncio, senhor- bradou-me com orgulho e desdém – silêncio- estais na presença da mulher de vosso pai, e respeitai-a. – Não, não me hei de calar - redargui furioso- não me pode esmagar o teu desdenhoso acento. Monstro, demônio, mulher fementida, restitui-me minha pobre mãe, que agasalhou no seio a áspide que havia de mordê-la! Oh! Dívida é esta que jamais me poderás pagar; mas a Deus, ao inferno, a pagarás sem dúvida. Foi essa a gratidão com que lhe compensaste os desvelos de que te cercou na infância, a generosidade com que te amou?! (Reis, 2018, pp. 157-158).

A narrativa mostra a imagem de uma mulher contrária à moral da época (ou seja: ambiciosa, interesseira e vaidosa), logo, as mulheres não deveriam tomá-la como exemplo. De virtuosa, tornou-se profana, conceitos oriundos da religião (anjo-demônio). Neste trecho, fica enfático que a moral praticada na época era judaico-cristã, mas ao mesmo tempo,

[...] acaba que nos contando, mesmo que não necessariamente de maneira intencional, as táticas que muitas mulheres pobres utilizavam para ascender em uma sociedade altamente hierarquizada, na qual escravos, mulheres e pobres livres tinham poucas possibilidades de melhorar de vida (Silva, 2021, p. 97).

No contexto colonial, a postura de Adelaide ao assumir o controle de sua própria vida representa uma ousada afirmação de liberdade dentro de uma sociedade marcada por hierarquias rígidas, violência e paternalismo. Sua ação é particularmente significativa, pois rompe com as normas sociais e morais da época, que frequentemente relegavam as mulheres a papéis subalternos e desprovidos de agência. Diferente das demais personagens do romance, Adelaide não apenas reconhece as intersecções de sua identidade — como ser mulher e pobre — mas também comprehende que essas categorias operam de forma interligada. Ela utiliza essa consciência para moldar sua vida, desafiando o destino que lhe parecia inevitável. Assim, Adelaide ilustra a importância da perspectiva interseccional, demonstrando que a análise das múltiplas dimensões da identidade deve pre-ceder e informar a ação individual, evidenciando que a liberdade feminina no contexto colonial está intrinsecamente ligada à capacidade de reconhecer e agir sobre as complexidades da opressão social.

Diante do que foi apresentado, percebemos as maneiras que o patriarcalismo usa para subjugar a mulher na sociedade, impedindo sua ascensão para bem atender os homens. Percebemos que, desde Mãe Susana e Mãe de Túlio,

mulheres negras escravizadas, são submetidas a uma condição de subalternidade extrema. Essas narrativas, marcadas pela violência e pelo controle social, refletem a perspectiva da exploração do papel da mulher negra na construção da sociedade colonial.

Apesar de essas mulheres enfrentarem um duplo processo de exclusão devido à sua raça e condição de gênero, sua resistência silenciosa e sua busca por dignidade demonstram uma forma de autoafirmação frente à opressão. De acordo com hooks (2019), essa resistência pode ser compreendida como uma luta pela emancipação nas limitações impostas pela estrutura patriarcal e colonial.

Adelaide, representa uma forma de opressão mais sutil, caracterizada pela submissão às regras patriarcais. Firmina dos Reis apresenta a sua situação como um exemplo de submissão feminina em uma estrutura familiar dominada pelo poder masculino. Diferentemente das outras personagens, Adelaide ao controlar sua vida e desafiar as expectativas de submissão, não concorda com os papéis tradicionais das mulheres.

Sua decisão é uma demonstração clara da sua luta pela liberdade pessoal e pela autoafirmação. Ela se destaca pela capacidade de manter a identidade e pelo desejo de independência, demonstrando o processo de libertação que González (2020) descreve como indispensável para a emancipação das mulheres. Dessa forma, a trajetória de Adelaide, ao combinar resistência e autoafirmação, oferece uma perspectiva poderosa sobre o protagonismo feminino e a busca pela liberdade em meio às limitações da sociedade colonial.

Considerações finais

Ao longo desse trabalho percebem os que a mulher brasileira foi submetida ao processo extenso do patriarcalismo e colonialismo. A análise das personagens femininas em *Úrsula*, nos dar uma dimensão de como gênero, raça e classe, integram para moldar as experiências de opressão e resistência. As personagens brancas, como Úrsula e Luísa B., Mãe de Tancredo e Adelaide, enfrentam uma opressão patriarcal que se entrelaça com suas condições sociais e físicas, enquanto as personagens negras, como Preta Susana e Mãe de Túlio, lidam com uma opressão adicional vinculada ao racismo. A complexidade das intersecções entre essas categorias destaca a diversidade das experiências femininas e a importância de reconhecer a multiplicidade das formas de opressão enfrentadas pelas mulheres.

O processo de libertação das personagens é, portanto, multifacetado e reflete a luta contra uma variedade de sistemas opressivos. A trajetória de Mãe Susana, por exemplo, é marcada pela busca de autonomia e pela luta contra a dominação patriarcal e colonial. Úrsula e Adelaide, por sua vez, são exemplos de luta pela dignidade e pela autoafirmação em ambientes de exclusão e marginalização. Já Mãe de Tancredo, Mãe de Túlio e Luísa B. são as personagens que menos tiveram oportunidade de erguer suas vozes. Mas, foi por meio dessas narrativas, que Maria Firmina dos Reis faz uma análise severa do sistema colonial e patriarcal ao apontar a importância da resistência e da busca pela liberdade na vida da mulher brasileira.

Portanto, consideramos *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis uma obra seminal que oferece uma visão crítica sobre o papel das mulheres no Brasil colonial e suas lutas pela autonomia e pela emancipação. Através das trajetórias das personagens femininas, Firmina dos Reis revela a complexidade das experiências femininas em um contexto de opressão patriarcal e colonial. A análise das personagens revela a relevância da resistência e da autoafirmação na busca pela liberdade feminina. A obra não apenas desafia as normas sociais da época, como também antecipa discussões atuais sobre o protagonismo e a emancipação das mulheres, demonstrando a importância constante de suas contribuições para a literatura e para a compreensão da experiência feminina.

Referências biobibliográficas

- Baseggio, J. K., & Silva, L. F. M. (2015). As condições femininas no Brasil Colonial. *Revista Maiêutica*, 3(1), 19-30. Obtido de https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/view/1379
- Bourdieu, P. (2012). *A Dominação Masculina* (Tradução M. Helena) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Del Priore, M. (2020). *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história das mulheres no Brasil [livro eletrônico]: 1500-2000*. São Paulo: Planeta.
- Del Priore, M. (2009). *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades do Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA.
- González, L. (2020). *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio Janeiro: Zahar.
- Hooks, B. (2019). *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (Tradução: C. B. Maringolo). São Paulo: Elefante.
- Hooks, B. (2019). *Olhares negros: raça e representação* (Tradução: S. Borges). São Paulo: Elefante.
- Porto, P. P., & Siebel, N. C. (2022). *Mulheres(es) em Úrsula: uma análise interseccional*. *Organo*, 37(74), 45-60. Obtido de doi:10.22456/2238-8915.125156
- Reis, M. F. (2018). *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk.
- Silva, R. A. (2021). *Por uma outra leitura de Adelaide do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis*. *Revista Firmínas*, 1(1), 86-95. Obtido de <https://mariafirmina.org.br/por-uma-outra-leitura-de-adelaide-do-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-regia-silva/>
- Souza, N. S. (2021). *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar.

Resumo

O protagonismo da mulher na sociedade sempre foi sucumbido pelo poder patriarcal, a fim do homem não perder sua supremacia em ditar as regras sociais. Lélia González (2020), enfatiza que a mulher latino-americana foi submissa ao poder masculino por muito tempo, mas, ao perceberem que são donas de sua história, erguem sua voz (hooks, 2019) e ecoam o grito libertador. A partir desse ponto, entraremos na obra *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis com o intuito de compreender a relevância das personagens femininas no processo libertador das mulheres no Brasil do século XIX, uma vez que *Úrsula*, Luísa B., mãe de Tancredo, mãe de Túlio, Preta Susana e Adelaide, fogem do padrão da época, ou seja, não estão apenas representando os papéis sociais de filha, esposa e mãe. Assim, a nossa pesquisa segue uma linha literária - sociológica, pois estão intrinsecamente ligados, sobretudo quando temos uma narrativa no período colonial, onde os papéis femininos eram impostos e passam de uma moldura para engendrar suas identidades.

Abstract

The role of women in society has always been undermined by patriarchal power, so that men do not lose their supremacy in dictating social rules. Lélia González (2020) emphasizes that Latin American women have been subjected to male power for a long time, but when they realize that they are the protagonists of their history, they raise their voices (hooks, 2019) and echo the liberating scream. From this point on, we will analyze the novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, to understand the importance of female characters in the process of liberation of women in XIX century Brazil. Because Ursula, Luísa B., mother of Tancredo, mother of Túlio, Preta Susana and Adelaide, are different from the standards of the time, because they are not just representing the social roles of daughter, wife and mother. Therefore, our research follows a literary-sociological line, since they are closely related, especially when it comes to a narrative set in the colonial period, in which female roles were imposed and were no more than a framework for engendering their identities.

